

# Desarticulação mantém crianças nas ruas

*Municípios da Grande Vitória não conseguem desenvolver ações integradas, deixando nas ruas crianças e adolescentes*

CÍNTIA BENTO ALVES

“Tia, me dá um trocado?” Quem mora na Grande Vitória, com certeza já foi abordado com esta frase, comum nos semáforos e nas portas de lojas, vindos de crianças de olhos tristes. Menores na rua, vendendo ou esmolando, são uma realidade em toda a região. Ações articuladas entre as prefeituras, no sentido de resolver em conjunto o problema, no entanto, ainda engatinham.

Os levantamentos feitos pelos municípios sobre menores na rua mostram que há necessidade de ações integradas, já que os menores transitam entre a região, morando em um município e ficando durante o dia em outro. Hoje, no entanto, não há uma estrutura que garanta o atendimento de menores nos seus municípios de origem e o intercâmbio de ações entre as prefeituras, que afirmam no entanto estar encaminhando o trabalho no sentido da integração, que todos concordam ser necessária.

Em Vitória, que concentra o maior número de menores na rua, cerca de 40% das crianças e dos adolescentes é proveniente de outros municípios. “Os municípios da Grande Vitória são hoje como bairros, não há como controlar isso. Temos estrutura montada para atender à Capital, e não a essa demanda de outros municípios”, diz a secretária de Ação Social de Vitória, Wania Malheiros.

Ela reconhece que a única maneira de se tentar tirar definitivamente os menores das ruas da cidade é criar estruturas de atendimento em cada município e buscar políticas integradas. Wania reconhece que esse trabalho ainda não acontece, mas afirma que está começando a atuar junto às demais prefeituras para começar a articulação.

**CONVÊNIOS** – “Podemos viabilizar treinamentos conjuntos e convênios”, avalia. O número de meninos nas ruas de Vitória flutua de acordo com a época, sendo maior nos meses de férias, como no verão e em julho. A média, no entanto, é

A secretária de Ação Social da Serra, Sueli Vidigal, reconhece que o atendimento a menores no município ainda é precário. “Vitória já tinha vários programas implementados, nós ainda estamos começando”, disse, afirmando que está em fase de implantação uma Casa de Passagem para atendimento de crianças de 0 a 12 anos, que deve começar a funcionar no próximo mês.

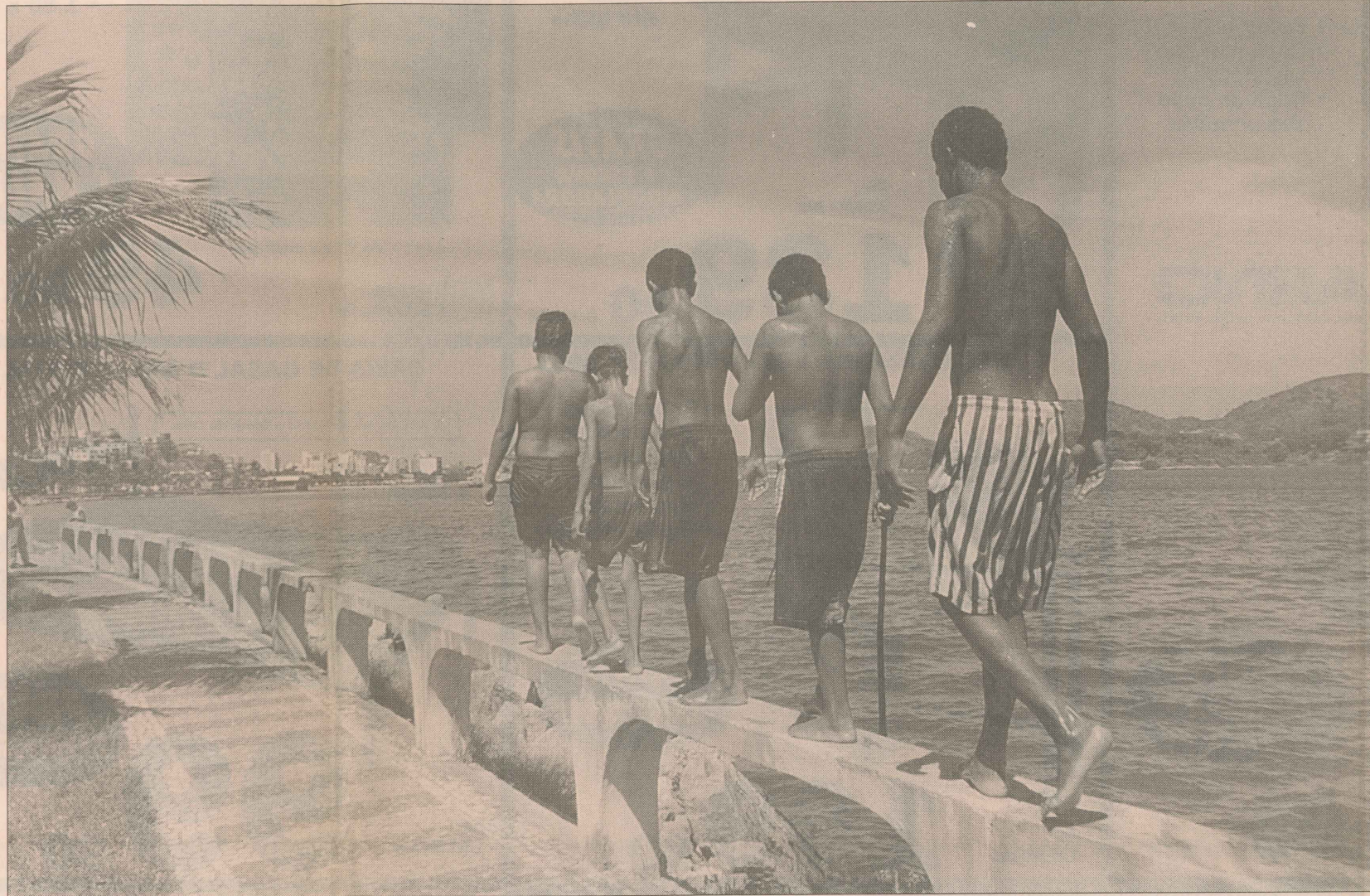
Como explica a diretora do Departamento para o Trabalho da Secretaria, Silvana Fabel, a idéia é criar a retaguarda para receber as crianças que, abordadas pelos educadores de Vitória, poderiam ser encaminhadas para a Serra. “Sabemos que a maioria dos menores de rua do município está em Vitória”, reconhece.

Considerando que a integração é o caminho a ser seguido, ela ressalta que está sendo implantado um projeto preventivo para evitar a migração de menores para Vitória, o “Escola Cidadã”, que visa identificar os menores que estão fora da escola mas ainda permanecem nos bairros, para evitar que percam o vínculo familiar e fazendo a reintegração à escola e à família.

**RECURSOS** – Para Luiz Getúlio Souza, assessor técnico da Secretaria de Ação Social de Vila Velha, as prefeituras vêm sentindo dificuldade de assumir as ações na área do menor porque, ao mesmo tempo em que as estruturas estaduais foram desmontadas, não houve contrapartida financeira para que municípios pudessem se estruturar.

“Todos os municípios terão que criar sua Casa de Passagem, uma estrutura difícil de sustentar”, considera, ressaltando que no município boa parte das ações são promovidas por Organizações Não-Governamentais, que fazem a abordagem de menores e trabalham na recuperação de viciados em drogas e encaminhamento para o trabalho.

Um cadastramento constatou a presença de 35 menores nas ruas, a maioria proveniente de Cariacica, Serra e outros Estados. “No município temos muito a situação do pai



Nestor Muller

## DEMANDA

Vitória concentra o maior número de menores de rua; uma média de 40% das crianças e dos adolescentes são provenientes de outros municípios e Estados

# Vendas e esmola ajudam em casa

Não é preciso andar muito para registrar flagrantes de exploração de muitos pais sobre os filhos. A maioria dos menores que trabalham, ou estão nas ruas pedindo esmolas, tem participação decisiva na renda familiar. Nas imediações da Praça Costa Pereira, uma menina de apenas 6 anos pedia na semana passada trocados a quem passava.

Com um vestidinho vermelho pequeno para seu tamanho, A., 6 anos, corre pela Rua Graciano Neves até à esquina, onde está sentada a mãe. “Olha mãe, a mu-

que o filho mais velho frequenta colégio. A menina A., nos seus 6 anos, é a responsável pelo sustento da família. A mãe já aprendeu a lógica de que um rostinho de criança comove e rende muito mais nas ruas do que um adulto pedindo.

Para a secretária de Ação Social de Vitória, Wania Malheiros, é necessário agir com mais rigor para coibir esse tipo de exploração. “Vamos pleitear junto à Polícia Militar e Juizado para reprimir os pais que exploram crianças. Isso tiraria uma boa quantidade dos meninos da rua,

mas a Prefeitura não tem esse poder de polícia”, considerou.

A secretária considerou que a justificativa de estar desempregado ou da renda não ser suficiente não é válida para que os pais coloquem os filhos para esmolar ou trabalhar. “Temos programas de geração de renda e capacitação de adultos, em que esses pais podem ser encaixados. Não dá para aceitar que as crianças sejam prejudicadas”, disse.

O juiz Paulo Roberto Luppi, do Juizado da Infância e Juventude de Vitória, afirmou que o Juizado par-

ticipa em forma de parceria com os outros órgãos, como o Conselho Tutelar e a Delegacia de Proteção à Criança e Adolescente. “O difícil é comprovar alguma coisa contra esses pais. Para nós, vale a denúncia, de órgãos ou de cidadãos”, afirmou, dizendo que são poucas as denúncias que chegam aos Juizados de exploração de menores.

O juiz já atuou em casos em que os pais, mesmo participando do Programa de Renda Mínima da Prefeitura e recebendo para deixar os filhos na escola, colocavam os



nos nas ruas de Vitória flutua de acordo com a época, sendo maior nos meses de férias, como no verão e em julho. A média, no entanto, é de 230 crianças nas ruas, sendo 60% provenientes de Vitória, 20% de Cariacica, 10% da Serra e o restante de Vila Velha, Viana, municípios do interior e de outros Estados.

Em junho, foram localizados pelos educadores de rua da Prefeitura um total de 237 menores, sendo 150 da Capital, 48 de Cariacica, 28 da Serra, quatro de Vila Velha, um de Viana, dois do interior e quatro de outros Estados. Vitória conta com abrigos noturnos para meninos e meninas, uma Casa do Adolescente Trabalhador, para profissionalização dos menores, e duas Casas Abertas onde os menores podem passar o dia e ter atividades de lazer e esporte.

presença de 35 menores nas ruas, a maioria proveniente de Cariacica, Serra e outros Estados. "No município temos muito a situação do pai que sobrevive na mendicância através dos filhos", afirma. A secretária de Ação Social de Cariacica, Leonor Fernandes, considera prioritária a união dos municípios, com realização de seminários para definir prioridades e ações.

"Uma idéia é fazer um centro de convivência que pudesse ser utilizado por toda a Grande Vitória e iniciar o mais breve possível as discussões com prefeituras e Governo do Estado", afirmou. Cariacica só agora começa a estruturar a sua Casa de Passagem. Apesar de não ter estatísticas sobre o número de menores nas ruas, ela afirma que em Cariacica também há menores de outros municípios.

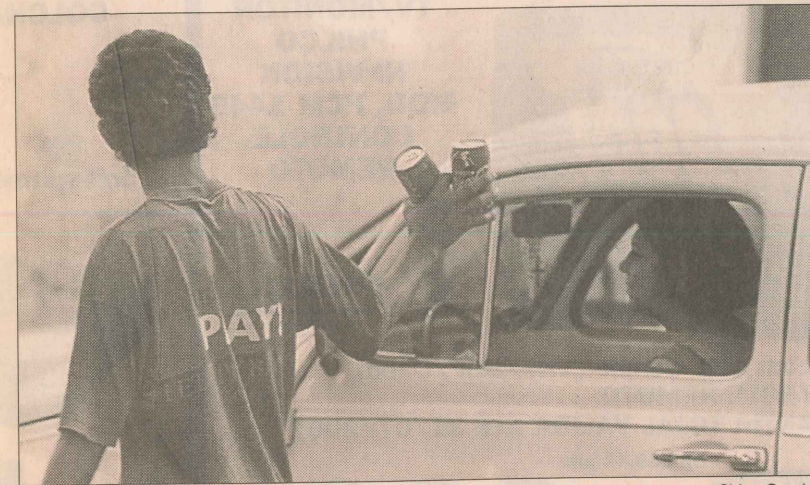
pequeno para seu tamanho, A., 6 anos, corre pela Rua Graciano Neves até à esquina, onde está sentada a mãe. "Olha mãe, a mulher me deu", diz, num sorriso onde despontam os dois dentes da frente cariados. Alegre, mostra o pacote com pães e volta a se afastar da mãe para continuar a pedir esmolas.

A mãe, Luzia Pereira dos Santos, 30 anos, não esboça nenhuma reação. Sentada na calçada, ela não pede, deixando a tarefa de esmolar para a filha. Ela conta que é mãe solteira de A. e de um menino de 14 anos, morando em Padre Gabriel, Cariacica.

Justifica o fato de a filha estar mendigando, afirmando que não pode trabalhar porque não tem com quem deixá-la. "No meu bairro não tem creche. No ano que vem ela vai para a escola", garante, dizendo

crianças jogam pedras e pedem esmolas junto à Fundação Municipal e Juizado para reprimir os pais que exploram crianças. Isso tiraria uma boa quantidade dos meninos da rua,

O juiz Paulo Roberto Luppi, do Juizado da Infância e Juventude de Vitória, afirmou que o Juizado par-



Chico Guedes

#### TRABALHO

São muitas as crianças exploradas através do trabalho na Capital

## Renda mínima beneficia famílias

Entre as alternativas para se tirar as crianças e adolescentes das ruas, os programas de renda mínima têm se destacado entre os mais viáveis e com bons resultados. No Estado, até agora, somente Vitória tem o programa implantado, embora os demais municípios da Grande Vitória afirmem que têm projetos para implantação do sistema.

Em Vitória, são beneficiadas 166 famílias no programa, que teve início no ano passado. Foram tiradas 119 crianças das ruas com a complementação de renda e dada a oportunidade para que voltassem a estudar. A condição para a família participar é ter renda **per capita** inferior a R\$ 40,10. A Prefeitura faz a complementação para atingir esse valor mínimo, exigindo em contrapartida que os filhos sejam mantidos somente estudando. O benefício é con-

cedido por no máximo dois anos e pode ser suspenso caso os pais não respeitem as regras.

A diretora do Departamento de Desenvolvimento Familiar e Comunitário da Prefeitura de Vitória, Carmem Déa Masoco, explica que a idéia é proporcionar uma renda mínima enquanto é trabalhada a estruturação da família. Atualmente, está sendo estudada a suspensão do benefício a 47 famílias que estão há um ano e meio no programa, se for constatado que já têm condições de manter a renda sem o auxílio da prefeitura.

A média de pessoas por família beneficiada é de 7,03, sendo 4,16, crianças de zero a 13 anos. "Estamos avaliando se essas famílias têm condições de serem desligadas sem regredir socialmente", destacou Carmem Déa. Se isso acontecer, co-

mo observa, haverá respaldo para aumentar o número de famílias a participar do programa.

A Prefeitura tem hoje 323 famílias cadastradas pleiteando o benefício. O plano traçado pela Secretaria de Ação Social prevê chegar ao ano 2.000 atendendo a 1.450 famílias. A diretora destaca que hoje a Prefeitura gasta por mês R\$ 28.769,00 com o programa.

O Programa de Garantia de Renda Mínima já é previsto também em Lei Estadual, aprovada na Assembleia Legislativa em dezembro do ano passado. O projeto, de autoria do deputado José Otávio Baiôco, garante renda mínima de meio salário mínimo por membro da família que tenha filhos menores de 14 anos ou portadores de deficiência física ou mental. A lei ainda precisa de regulamentação para entrar em vigor.

## Na rua, a ilusão de liberdade

Abordar crianças e adolescentes que vivem nas ruas não é fácil. Arredios ao primeiro contato, com o tempo eles acabam, no entanto, contando a realidade nada fácil em que vivem. A diretora do Departamento de Assistência à Criança e ao Adolescente de Vitória, Fátima Costa, observa que também não é fácil convencê-los a sair da rua.

Os argumentos dos 20 educadores de rua que atuam em Vitória têm que competir com o que Fátima chama de "ilusão da liberdade" que a rua dá. "A pressão do grupo para permanecer na rua também é

grande. É preciso trabalhar a vontade que muitos ainda têm de sair da rua", conta, ressaltando que alguns dos meninos já fazem parte da segunda geração de rua, com pais que viveram da mesma forma que eles.

Com as sucessivas abordagens, os menores acabam contando alguns dos dramas que vivem: a pobreza extrema, maus tratos, alcoolismo e troca constante de parceiros por parte dos pais. Outro fator que dificulta a retirada das crianças das ruas é a tendência das pessoas de fornecerem comida e di-

nheiro, o que se torna um atrativo. A equipe de educadores recomenda às comunidades que não maltrate os menores, mas também não ofereça esse tipo de auxílio. Os educadores atendem indistintamente os menores trabalhadores e os que cometem pequenos furtos ou utilizam drogas.

Convencê-los a deixar as ruas é tão difícil que alguns programas, como a Casa Aberta, que conta com atividades de lazer, recreação e educação, recebem um número de crianças inferior ao que poderiam atender.

Programa de Renda Mínima da Prefeitura e recebendo para deixar os filhos na escola, colocavam os filhos para trabalhar. O artigo 129 do Estatuto da Criança e do Adolescente estabelece várias medidas que podem ser aplicadas aos pais nesses casos, que vão desde à obrigatoriedade de demonstrar o desempenho escolar do filho ao Juizado, comprovando a frequência, até a perda da guarda ou suspensão do pátrio poder, aplicado somente nos casos mais graves.

O Juizado de Vila Velha conta com 160 comissários voluntários, pessoas com nível superior que, sem receber salário, auxiliam na tarefa de acompanhar os cerca de 500 casos em que o Juizado está atuando, de crianças em situação irregular, na qual se inclui o trabalho infantil e a retirada da escola.

## PMV mostra ponto de concentração

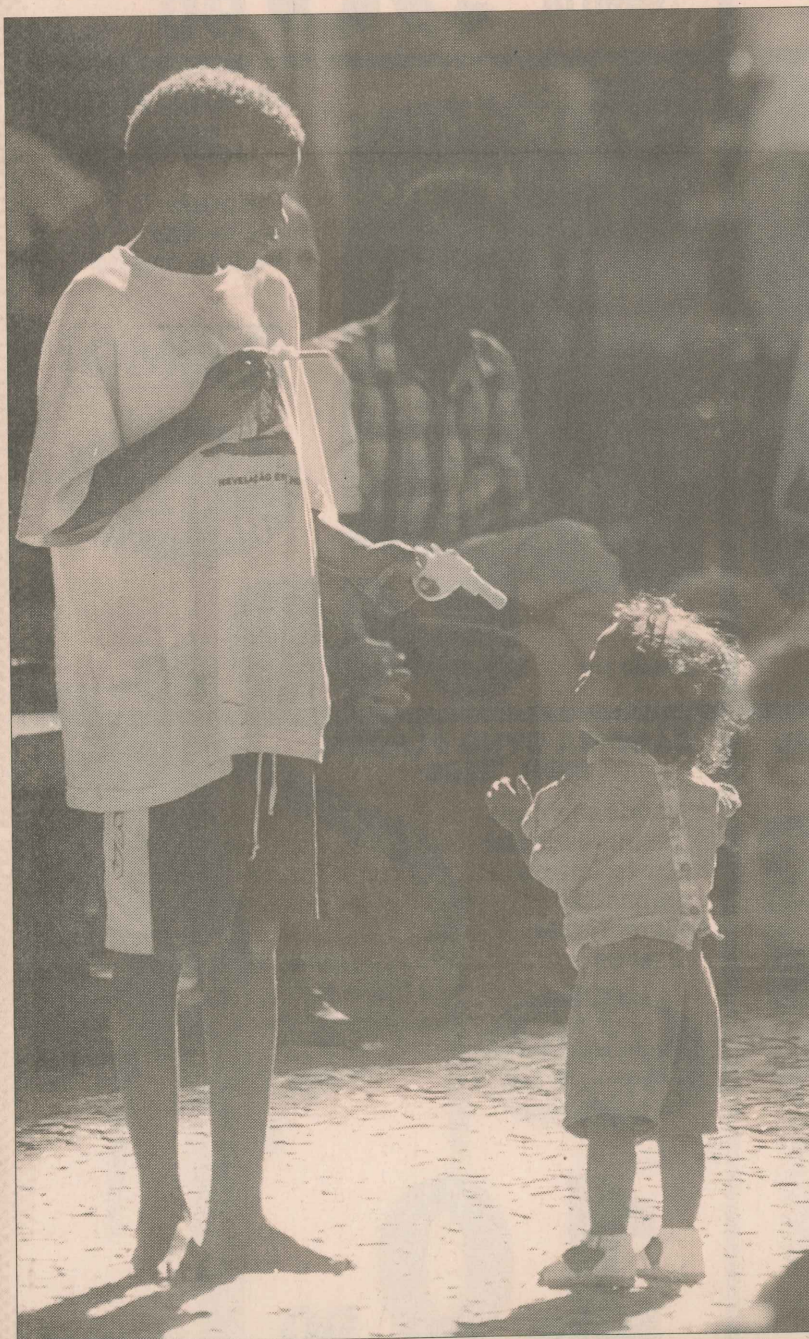
Eles geralmente andam em grupos pela rua. Brincam entre os carros nas avenidas e muitas vezes brigam entre si. O levantamento feito pela Prefeitura de Vitória mostrou que a maior concentração de meninos de rua se dá no Centro, Praia do Canto, Jardim da Penha, Praia do Suá, Jardim Camburi e Bairro República.

Nos bairros de Zona Norte da Capital, a concentração maior é de meninos de Vitória, é no Centro, de Cariacica. A convivência com a comunidade nem sempre é harmoniosa. Na praça dos Namorados, por exemplo, a Associação de Artesãos enviou ao Juizado da Infância e Juventude um abaixo-assinado pedindo que se coibisse a arruaça dos meninos.

Em Jardim da Penha, um grupo de crianças se concentra nas proximidades do Banco do Brasil. Do grupo faz parte uma menina com deficiência auditiva e quatro meninos. O mais velho tem 14 anos. Seu irmão R., 9 anos, que o acompanha, conta que moram em Andorinhas e têm mais três irmãos.

Desde os seis anos, R. vai para as ruas pedir dinheiro. Diz que consegue R\$ 5,00 por dia, quando não tem que dar uma parcela para os garotos mais velhos. "Aqui tem um monte de trombadinhas e quando eles querem o dinheiro a gente tem que dar", conta ele, que diz frequentar a escola.

R. se apressa em dizer que o pai trabalha, é "profissional", e que a mãe é crente. "Ela gosta que a gente ganhe um dinheiro para ajudar, mas não deixa a gente fumar ou não ir à escola", diz. Seu irmão só fica de longe, sem gostar que R. esteja conversando. A preocupação vem logo depois. "Vão dar nosso nome no Juizado?", pergunta.



José A. Magnago

#### PROBLEMA

Vendendo ou esmolando, os menores 'vivem' perambulando pelas ruas